

DISENTERIA SUINA: UM NOVO ALERTA À SUINOCULTURA GOIANA

Quais as características e prejuízos e como podemos nos prevenir?

Livia Mendonça Pascoal¹, Moema Pacheco Chediak Matos¹, Iuri Pinheiro Machado²,
Carmos Pedro Triacca³, José Vanderlei Galdeano⁴

Recentemente foram registrados no Brasil surtos de Disenteria Suína com resistência a vários antibióticos, sendo de difícil controle e acarretando grandes prejuízos. Em Goiás, ainda não foram registrados tais acontecimentos. Porém por ser uma enfermidade grave, de rápida disseminação, difícil controle, alto impacto econômico o que impossibilita a manutenção de rebanhos positivos, o Comitê Estadual de Sanidade Suína-Goiás (COESS-GO) tem traçado estratégias objetivando evitar a introdução destas cepas resistentes no nosso estado. Entre essas estratégias, acreditamos que a informação e a conscientização de técnicos e produtores são as principais armas para alcançar tal objetivo. Ressalta-se que a aquisição de animais provenientes de plantéis livres da Disenteria Suína e a adoção de um programa permanente de monitoramento para animais de reposição é um dos pontos principais para manter esta doença fora das granjas.

DISENTERIA SUÍNA

A Disenteria Suína (DS) é uma enfermidade bacteriana altamente contagiosa caracterizada por diarréia mucohemorrágica e afeta principalmente leitões nas fases de recria e terminação. A *Brachyspira hyodysenteriae*, espiroqueta anaeróbia, é considerada o agente primário da disenteria suína.

O suíno é o reservatório natural desta bactéria e a única espécie sensível à infecção, apesar do isolamento desta em aves, cães e roedores, considerados reservatórios secundários e disseminadores da infecção. A DS pode ocorrer independente do tipo de manejo adotado e da forma de alimentação dos animais. Porém, a morbidade e a mortalidade são influenciadas por condições estressantes, como: tamanho do lote, fluxo de produção, peso dos animais, movimentação e mistura de animais, superlotação, mudanças de rações, rações ricas em energia e pouca fibra e rações deficientes em vitamina E/selênio. Em instalações úmidas e frias e com higiene deficiente, os prejuízos são mais elevados.

O contágio via oral pode ser direto, pela ingestão de fezes de suínos afetados e/ou portadores assintomáticos que eliminam o microrganismo durante meses, ou indireto por meio de botas e roupas sujas de fezes e alimentos contaminados. O sistema de manejo com lamina de água facilita a disseminação. Um rebanho pode se infectar através da

¹ Escola de Veterinária e Zootecnia - Universidade Federal de Goiás.

² Integrall – Soluções em produção animal.

³ Tecnomerc – Tecnologia Animal.

⁴ Cooperativa Agroindustrial dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano – COMIGO.

introdução de portadores no plantel, por veículos que transportam animais doentes ou portadores assintomáticos, através de visitantes ou outros reservatórios como cães, ratos, aves, moscas e mosquitos. Destaca-se, portanto a importância da quarentena. Leitões que nascem em rebanhos infectados tem grande probabilidade de sofrer infecção sem apresentarem sinais clínicos e transmiti-lá a outros rebanhos para os quais são vendidos.

A diarreia mucohemorrágica é o sinal clínico mais evidente, também pode ser observado anorexia, sede intensa, abdômen retraído, emagrecimento e febre. As fezes diarreicas são eliminadas de forma contínua e sem esforço e contém muco, sangue e partículas de ração. Os animais de terminação podem apresentar um atraso no crescimento, aumento do índice de conversão e, conseqüentemente, importantes perdas econômicas. A presença desta enfermidade na granja exige elevados gastos com controle, podendo aumentar o custo de produção em mais de 20%. Quanto às lesões provocadas pela DS, a limitação destas ao intestino grosso, com linha demarcatória quase sempre evidente na união ileocecal, é uma das características mais marcantes da doença. O conteúdo é fluido, contendo muco e sangue e, algumas vezes, membranas fibrino-necróticas. Os linfonodos mesentéricos podem estar aumentados de volume. O diagnóstico deve basear-se nos sinais clínicos e lesões, porém, são necessários métodos laboratoriais para confirmação, já que outras espiroquetas e outros agentes entéricos também causam inflamação do colón (colite).

A colheita, armazenamento e identificação corretos das amostras são imprescindíveis para realização dos exames laboratoriais. Recomenda-se que o veterinário entre em contato com o laboratório para correta colheita e envio de amostras para obtenção de resultados satisfatórios.

ESTRATÉGIAS DE CONTROLE DA DISENTERIA SUÍNA

O uso indiscriminado de antibióticos tem favorecido o surgimento de cepas resistentes e até o momento, não foram desenvolvidas vacinas eficientes para o controle das infecções pela *B. hyodysenteriae* ou *B. pilosicoli*. Portanto, o controle e prevenção da disenteria devem ser feito através de medidas terapêuticas e sanitárias. A medicação parenteral ou via água de bebida é a mais eficiente, já que na fase aguda da doença o consumo de ração é menor, enquanto o consumo de água, geralmente, é constante. A recomendação do antibiótico deve ser feita somente pelo Veterinário.

Vários estudos foram realizados demonstrando o significativo impacto da doença, conseqüentemente impossibilitando a manutenção de rebanhos positivos e a necessidade de erradicá-la.

Existem três formas para eliminar a doença da granja:

1. Depopulação total seguida de repovoamento com animais provenientes de granjas comprovadamente livres de DS.
2. Exames dos animais e remoção dos positivos.
3. Depopulação parcial com medicação.

O programa de eliminação da DS de um rebanho deverá ser feito mediante estudo metuculoso. Em alguns casos, o despovoamento total, limpeza e desinfecção das instalações, são as únicas alternativas para eliminar a *B. hyodisenteriae* da granja.

Segue-se esquema que pode ser recomendado para eliminar a DS de um rebanho:

- Interrupção da cobrição por 3 semanas, retirada de animais com menos de 10 meses;
- Medicação coletiva de todos os suínos da granja, com antibiótico eficiente, durante 3 a 4 semanas;
- Limpeza diária das baias;
- Limpeza e desinfecção semanal das calhas;
- Caiação das baias vazias;
- Combate a roedores e insetos;
- Evitar a entrada de pessoas, veículos e outros animais alheios à granja.

BIOSSEGURIDADE

A melhor forma de manter-se livre dos prejuízos ocasionados pela Disenteria Suína é a prevenção, evitando que a doença entre no plantel. Neste sentido sugerem-se as seguintes medidas de biosseguridade, que devem ser adotadas, conforme o grau de tecnificação do sistema de produção.

É extremamente importante a realização de quarentena, por no mínimo 30 dias, antes de introduzir animais de reposição em plantéis livres.

Comprar animais para recria ou terminação somente de Unidades Produtores de Leitões (UPL) livres de *B. hyodisenteriae*.

- Exigir que os caminhões que transportam suínos acessem a granja somente depois de serem lavados e desinfetados **em local fora da fazenda**. Preferencialmente, este veículo deve ficar em vazio sanitário (depois de lavado e desinfetado), por no mínimo, 24 horas;
- Checar a limpeza de veículos de terceiros antes de encostar no embarcadouro;

- **Nunca permitir a entrada de funcionários da granja na carroceria dos caminhões;**
- **Todo e qualquer animal que entrar no caminhão não poderá, em hipótese alguma, retornar à granja;**
- Utilizar o livro de visitas com registro de nome, empresa, data de último contato com suínos e assinatura. Visitantes que tiveram contato com outros suínos (granjas e abatedouros) no mesmo dia ou no dia anterior devem ser impedidos de entrar;
- Qualquer material ou equipamento que for entrar na granja deverá ser desinfetado ou passar pelo fumigador;
- Os funcionários devem ser orientados e cobrados sobre as medidas de biossegurança. Não podem, em hipótese alguma, possuir suínos em suas casas e se tiverem contato com outras granjas ou criatórios, devem ficar em vazio sanitário por no mínimo 48 horas.
- Todas as pessoas que adentrarem à granja deverão fazê-lo pelos vestiários da barreira sanitária, tomando banho e trocando de roupa cada vez que passam da área suja para a área limpa. Atenção especial deve ser dada aos calçados. Os calçados usados fora da granja em hipótese alguma podem passar para a área limpa. Quando retornar para a área suja as roupas usadas dentro da granja devem ficar na área limpa, antes do chuveiro. **As regras valem para todos, inclusive proprietários;**
- Manter controle de roedores e moscas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somente com a participação e comprometimentos de todos os envolvidos na cadeia suínica, veterinários, zootecnistas, técnicos, produtores, empresas privadas e universidades, conseguiremos manter Goiás livre do que parece ser uma nova cepa *B. hyodysenteriae*, preservando a sanidade do nosso plantel. Medidas de biossegurança, como controle de veículos e quarentena de reprodutores são fundamentais na prevenção do problema.

Bibliografia consultada

- BARCELLOS, D. Infecção por *Brachypira spp.* em suínos no Brasil. 2012.
 CARVAJAL, A., et al. Prevalence of *Brachypira* species in pigs with diarrhoea in Spain. The Veterinary Record, Londres, v. 158, n. 20, p. 700 – 701, 2006.
 GUEDES, R.; BARCELLOS, D. Disenteria suína. In: SOBESTIANKY, J.; BARCELLOS, D. Doenças dos Suínos. Goiânia: Cânone Editorial, 2012, p. 128 – 134.
 RAMIS, G. et. al. Patologías digestivas porcinas em imágenes. Navarra: Editorial Servet, 2011, 226 p.

Goiânia, 23 de maio de 2013.